



*ARQUEOLOGIAS
E SEUS CONTEXTOS*



www.cta.ipt.pt

N. 12 // julho 2020 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar - Centro das Arqueologias

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana M. S. Bettencourt, Professora Auxiliar com Agregação, Departamento de História, Universidade do Minho

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo, (MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183- 1386

LATINDEX folio nº 23611

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores.

Índice

EDITORIAL	
Ana Cruz	05
O CONTRIBUTO DA SEMIÓTICA PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA – ALGUMAS NOTAS ACERCA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS NO BRONZE REGIONAL ALENTEJANO	
Ana Rosa	15
ARQUEOLOGIA NO ENGENHO DO MURUTUCU: UM SÍTIO HISTÓRICO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	
Diogo Menezes Costa	30
LE SAVOIR LOCAL AMAZIGH: LA TRANSMISSION À L'ÉPREUVE	
Fatima Ez-zahra Benkhallouq, Wahiba Moubchir, Farid El Wahidi	59
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PORTO DO TOPO. CONTRIBUTO PARA O PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DA ILHA DE SÃO JORGE	
João Gonçalves Araújo, João Moniz, José Luís Neto, Pedro Parreira	81
LA ESTACIÓN RUPESTRE DE HUAYLLANQORI, PROVINCIA DE ANTABAMBA (APURÍMAC, PERÚ)	
Raúl Carreño-Collatupa	118
GRAVURA RUPESTRE DO CORUTO (ESCARIZ, AROUCA): ESTUDO, SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO	
Paulo A. Pinho Lemos, Ana M. S. Bettencourt, João Ralha	139
A PAISAGEM DE LONGA DURAÇÃO DO ALTO VALE DO JEQUITINHONHA – OS VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA DO HOLOCENO MÉDIO NA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, MINAS GERAIS – BRASIL	
Átila Perillo Filho	173
ASPECTOS DA COLONIZAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO LITORAL SUL DO BRASIL E SUA PATRIMONIALIZAÇÃO: OS VESTÍGIOS DA OFICINA LÍTICA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PONTA DO RETIRO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA	
Márcio Mota Pereira	222
TESTEMUNHOS RECENTES DE TEÓNIMOS PRÉ-ROMANOS NA LUSITÂNIA	
José d'Encarnação	249

ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO ESPÓLIO OSTEOLÓGICO PROVENIENTE DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO PÁTIO SUL DA IGREJA NOSSA SENHORA DO PÓPULO, CALDAS DA RAINHA (LEIRIA)

Daniel Alves, Augusto Ferreira, Cláudio Monteiro, Alexandra Figueiredo, Ricardo Lopes 274

CASA DO CORPO SANTO – 1531 A 1714. ARQUEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Luís Neto, Patrícia Trindade Coelho 298

UNIDADES DOMÉSTICAS DO SÉCULO XIX DO BAIRRO DA BOA VISTA DO RECIFE: UM ESTUDO DO PERFIL TÉCNICO E DAS CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICO-ARQUITETÔNICAS

Clara Diana Figueirôa Santos, Henry Sócrates Lavalle Sullasi 327

**CASA DO CORPO SANTO – 1531 A 1714.
ARQUEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO**

**CORPO SANTO'S HOUSE – 1531 TO 1714.
ARCHAEOLOGY, CONSERVATION AND MUSEALIZATION**

Recebido a 02 de abril de 2020
Revisto a 23 de abril de 2020
Aceite a 18 de maio de 2020

José Luís Neto

Investigador do Centro de Estudo de Ciências da Arte e do Património da Faculdade de
Belas-Artes da Universidade de Lisboa
Jlneto77@gmail.com

Patrícia Trindade Coelho

Conservadora-restauradora da Prima Folia – Cooperativa Cultural, CRL
primafolia@gmail.com

Resumo

A instalação de um novo Gabinete dos Centros Históricos, promovida pela autarquia de Setúbal, no piso térreo da Casa do Corpo Santo, permitiu avançar com uma intervenção arqueológica, em contexto prévio ao começo dos trabalhos da empreitada, com vista à salvaguarda do património arqueológico. Esse trabalho surge na sequência de anterior intervenção, efetuada em 2000, e permitiu retirar novas conclusões sobre a evolução daquele espaço, que se assume como um dos mais ricos, ao nível patrimonial, em toda a cidade. Permitiu, igualmente, retirar novas elações sobre a cultura material das sucessivas épocas de ocupação humana no território, e a forma como as mesmas se interligaram, ao longo dos séculos.

Palavras-Chave: Arqueologia urbana, Arqueologia preventiva, Cultura material.

Abstract

During the creation of the new Cabinet for Historical Centres, promoted by the township of Setubal, on the ground floor of the Corpo Santo House, an archaeological intervention was prepared, to prevent the destruction of any cultural heritage and preserve any important findings. Previously, in 2000, another intervention had already produced important results. With the new findings, the archaeologists gathered new evidence related to the evolution of one of the richest heritage sites in to whole city. The new findings allowed for further conclusions regarding the material culture of the various epochs of human occupation of that territory, and the way the interconnected, over the centuries.

Keywords: Urban archaeology; Preventive archaeology; Material culture.

1. Introdução

Decidida a instalação do Gabinete dos Centros Históricos, da autarquia de Setúbal, no piso térreo da Casa do Corpo Santo, em 2008, a empreitada foi alvo de uma intervenção arqueológica de carácter preventivo. O edifício era de propriedade municipal. Já anteriormente, em 2000, fora feita pequena intervenção no pátio da mesma. Dos resultados cruzados das duas intervenções pôde realizar-se uma tentativa de reconstituição daquele espaço através dos tempos. O edifício fica localizado no cruzamento do Largo do Corpo Santo, n.º 7, com a Rua de Santa Marta, na freguesia de Santa Maria, em Setúbal.



Figura 1. O Palácio dos Quebedo. Fonte: Arquivo fotográfico Américo Ribeiro. Setúbal, década de 60 do século XX. Fonte: Autores

Apesar dos trabalhos de recuperação do edifício, então efetuados, terem sido pouco agressivos ao nível de subsolo, tratava-se de um sítio de interesse arqueológico relevante, devido ao facto de se localizar na Zona de Protecção de imóvel classificado como Interesse Público - Igreja de Santa Maria, Decreto n.º 40361 de 20/10/1955 -, bem

como ao facto de o pátio já ter sido intervencionado, no ano de 2000, com a coordenação de Luís Jorge Gonçalves e do primeiro signatário.

2. O Edifício

Edifício concluído em 1714, conforme ao lintel da porta de acesso pelo Largo do Corpo Santo, trata-se de um quarteirão edificado que pertencia à família dos Quebedos. O quarteirão tinha como limite norte e nascente a linha por onde passava a muralha trecentista, como limite sul o Largo do Corpo Santo (parte da medieval Rua Direita) e como limite poente o Largo do Poço do Concelho. Aí a referida família mandou construir o seu palácio urbano, com frente para o Largo do Quebedo, um grande rossio onde confluíam todas as estradas que chegavam de nascente e de sul, para além da importantíssima estrada de carros que ligava à Moita. No extremo oposto ao do palácio, instalaram-se, nos finais de Setecentos, os Agostinhos Descalços (actual Polícia Judiciária). Aí, no antigo Terreiro do Trigo, imensos largos de chegada, sensivelmente a meio, também estavam instalados os jesuítas, no Colégio de S. Francisco Xavier, para além de ser o ponto de confluência do importante comércio dos animais do montado destinados ao abate, do qual apenas sobrevive hoje a fonte Setecentista como memória evocativa.

A área onde foi efectuada a intervenção arqueológica parece-nos que não fazia parte da chamada Casa do Corpo Santo, confraria de mareantes, cujo primeiro compromisso data de 1340, importante actor político local, que estava instalada no primeiro andar, sob cedência da família dos Quebedos, com entrada pelo Largo do Corpo Santo.

O piso térreo estava integrado no palácio, pois, caso contrário, existiria alguma ligação entre os dois pisos. Para além disso, o facto de existirem três entradas no piso térreo, pelo pátio da Casa do Corpo Santo, cuja central é a mais monumental, mostra que esta funcionava de modo independente face ao primeiro andar, pelo que é mais provável que estivesse articulada com o restante edificado. Acresce ainda que o rasgão no pano oriental da muralha trecentista poderá resultar da necessidade dessa cedência, oferecendo independência de acesso ao piso térreo. Essa hipótese veio a ser confirmada, volvidos quase dez anos, com uma intervenção efetuada em 2016, cujos resultados foram divulgados nos *Cadernos do Arquivo Municipal* da Câmara Municipal de Lisboa (Coutinho, 2016, p. 173-208).



Figura 2. Vista exterior do imóvel a partir do Largo do Quebedo. Fonte: Intervenção Arqueológica na Casa do Corpo Santo. Setúbal, 2008.

Complicando ainda mais uma interpretação segura do edificado, a fragmentação da enorme propriedade original, fragmentação essa que obrigou a cortar novas entradas e a entaipar vãos, como parece ser o caso da divisão a norte da intervencionada, em cúpula, que se encontra interrompida de forma óbvia. Com o palácio praticamente

devoluto, propriedade do Ministério do Trabalho, seria positivo, proceder ao seu levantamento e escavação, de modo a entender um dos poucos edifícios apalaçados de Setúbal em razoável estado de conservação, de modo a oferecer um modelo interpretativo deste tipo de construção.

No que respeita à área intervencionada, a história do local já foi apresentada em estudos anteriores (Neto et. al., 2001, pp. 25-45) (Neto, 2007, pp. 263-275) (Lopes & Neto, 2007, pp. 277-283), nomeadamente, a mais recente, no de sede de confraria a núcleo museológico (Neto, 2001, pp. 17-24). Aliás, com a saída do posto de turismo deste local, em 2008, terminou uma longa tradição que vinha já desde os anos 30 do Século XX.



Figura 3. Vista exterior do imóvel a partir da Rua de Santa Maria. Fonte: Intervenção Arqueológica na Casa do Corpo Santo. Setúbal, 2008

3. Intervenção Arqueológica

A equipa que conduziu a intervenção arqueológica foi coadjuvada por diversos trabalhadores do Departamento de Obras Municipais, tendo como colaborador principal

Pedro Martins, contando ainda com a colaboração da técnica Patrícia Trindade Coelho, da escultora Rita Alves e do arquitecto José Minderico.

Procedeu-se à divisão do espaço irregular em áreas de referência, de dimensões variáveis, procurando seguir uma métrica de padrão com 3 metros de largo, denominando-a em sequência alfabética.



Figura 4. Sala – Antes da intervenção – Piso 1.

Fonte: Intervenção Arqueológica na Casa do Corpo Santo. Setúbal, 2008

Assistiu-se à demolição do piso de tijoleira (piso 1) em uso, o que permitiu fazer registo fotográfico desta operação. Este encontrava-se danificado por infiltrações de salitre, com o seu consequente esboroamento nalgumas zonas. Sob esse piso, encontrou-se cimento, misturado com saibro e pedras (camada 1), nível pouco espesso e retirado a martelo pneumático.

Após uma camada muito heterogénea, com pedras de pequeno e médio calibre (arenitos, calcários e brecha, não afeiçoados), partes de paredes argamassadas (podendo

ou não apresentar reboco), telhas e tijolos fragmentados, azulejos partidos e bolsas de terra (camada 2), tratando-se de um verdadeiro aterro, com um metro de espessura, coerente em toda a área, feito a partir da destruição de uma edificação.



Figura 5. Sala – Topo da camada 2. Fonte: Intervenção Arqueológica na Casa do Corpo Santo. Setúbal, 2008

Um metro depois, identificou-se um piso de tijoleira, disposta em espinha, em razoável estado de conservação (piso 2). Trata-se de uma divisória de dimensão desconhecida, tendo cerca de sete metros de largura, valor estimado pelo aparecimento de uma parede rebocada, com uma meia-coluna de argamassa rebocada adossada, no corte Este, contraposto com outra meia-coluna de argamassa rebocada adossada no corte Oeste. No corte Oeste não apareceu o muro correspondente, devido ao facto do alicerce da divisão actual ter destruído o mesmo, com a sua implantação aproximadamente sobreposta. Na zona SO observaram-se reparações do piso de tijoleira, detetando-se

uma área com tijoleira ligeiramente maior e menos gasta que o restante conjunto.

Algumas falhas de tijoleira poderão ser atribuídas à criação e compressão do aterro que o tapava.

Perante esse panorama, de um grande salão em assinalável estado de conservação (piso 2), optou-se por realizar uma sondagem de 2 por 2 metros, junto ao corte Norte, na área B. Note-se que, apesar desse achado, não era por isso menos necessário definir a potência estratigráfica do local - e em boa hora tal foi efetuado -, mercê da sua proximidade com a Travessa dos Apóstolos, até então único arqueosítio publicado de Setúbal, com materiais proto-históricos.



Figura 9. Piso 2 – No canto superior direito da escala a falha de piso de tijoleira, onde foi instalada a sondagem. Fonte: Autores



Figura 10. Piso 2 – Corte poente. Fonte: Autores

Levantando a tijoleira, de 3 centímetros de espessura, observou-se o seu assentamento, de argamassa de cal e areia (camada 3). Nesse assentamento foi possível registar a posição das tijoleiras em negativo, excepto numa área, sensivelmente a meio da metade Sul da sondagem, onde tal não era visível. Levantando o assentamento seguiu-se a sua camada de preparação (camada 4), nível de terra castanha, pouco compacta, com presença de alguns materiais, sendo que, por baixo da área sem negativo da camada 3, encontrou-se algumas tijoleiras.



Figura 11. Sondagem – Camada 3. Fonte: Autores

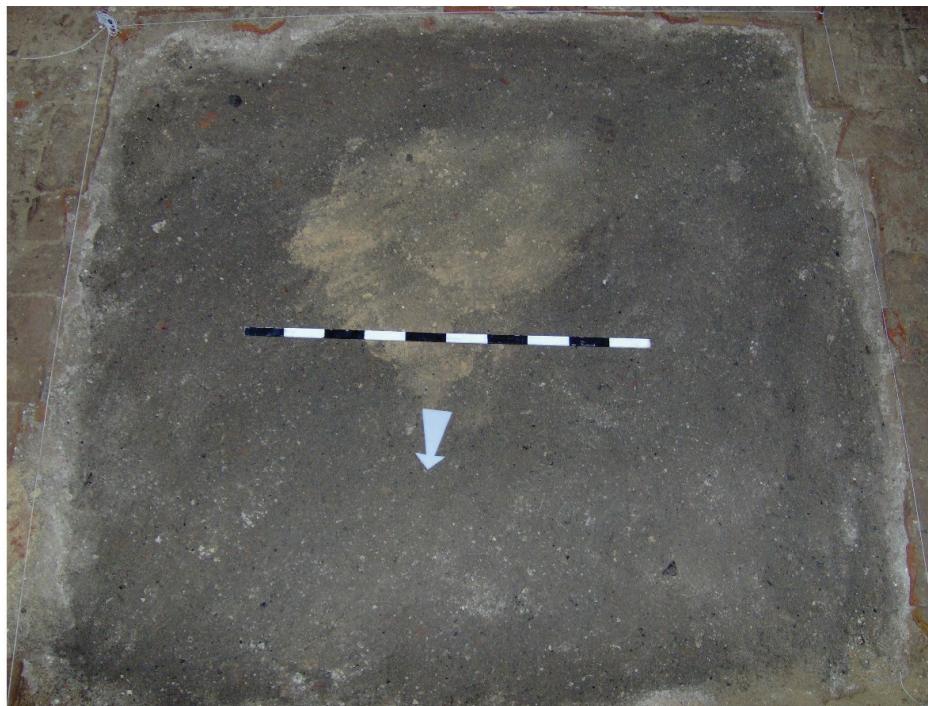


Figura 12. Sondagem – Camada 4. Fonte: Autores



Figura 6. Quadrículas B e C – Piso 2. Fonte: Intervenção Arqueológica na Casa do Corpo Santo. Setúbal, 2008



Figura 7. Corte Nascente (Quadr. C e F) – Pisos 1 e 2, e Camadas 1 e 2. Fonte: Intervenção Arqueológica na Casa do Corpo Santo. Setúbal, 2008.



Figura 8. Corte Nascente (Quadr. C e F). Fonte: Autores.

Sob essa, seguiu-se uma camada bastante dura, feita de terra, pedra partida, telhas e tijolos fragmentados e adições de cal (camada 5). De tom rosado, claramente batida, avançou-se com a hipótese de ter por objetivo ser impermeabilizante. Encontrava-se sobre o piso 3, constituído de areia e cal, muito compacto, um estilo de piso de terra batida pouco espesso, mas funcional. Essa técnica fora registada na intervenção arqueológica da Rua de Santa Catarina, n.º 18. O piso 3 apresentava falhas muito grandes, pois com três centímetros de espessura encontra-se sob a camada 5, muito batida e sobre a camada 6, idêntica à 5, que cobria, por sua vez, o piso 4, de técnica igual ao do piso 3. Ou seja, o piso 4, 3 e 2 são uma sucessão de pisos de uma mesma divisão, 2 deles em terra batida e o último em versão tijoleira. Tal foi atestado pelo facto de a anomalia do negativo da camada 3 ter resultado numa estrutura adossada

a uma coluna pétreia (estrutura 1), já inexistente, que assentava no piso 3, que, por sua vez, cobria a base da mesma em alvenaria calcária (estrutura 2), assentando no piso 4. Essa coluna estava colocada, aproximadamente, a meio do salão supra-mencionado (piso 2).



Figura 9. Piso 2 – No canto superior direito da escada a falha de piso de tijoleira, onde foi instalada a sondagem.
Fonte: Autores.



Figura 10. Piso 2 – Corte poente.
Fonte: Autores.

Levantando a tijoleira, de 3 centímetros de espessura, observou-se o seu assentamento, de argamassa de cal e areia (camada 3). Nesse assentamento foi possível registar a posi o das tijoleiras em negativo, excepto numa área, sensivelmente a meio da metade Sul da sondagem, onde tal não era visível. Levantando o assentamento seguiu-se a sua camada de prepara o (camada 4), nível de terra castanha, pouco compacta, com presença de alguns materiais, sendo que, por baixo da área sem negativo da camada 3, encontrou-se algumas tijoleiras.



Figura 11. Sondagem – Camada 3.

Fonte: Autores

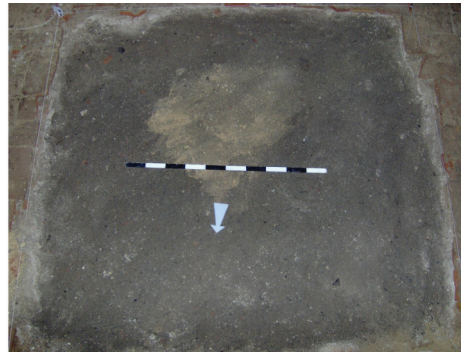


Figura 12. Sondagem – Camada 4.

Fonte: Autores

Sob essa, seguiu-se uma camada bastante dura, feita de terra, pedra partida, telhas e tijolos fragmentados e adições de cal (camada 5). De tom rosado, claramente batida, avançou-se com a hipótese de ter por objetivo ser impermeabilizante. Encontrava-se sobre o piso 3, constituído de areia e cal, muito compacto, um estilo de piso de terra batida pouco espesso, mas funcional. Essa técnica fora registada na intervenção arqueológica da Rua de Santa Catarina, n.º 18. O piso 3 apresentava falhas muito grandes, pois com três centímetros de espessura encontra-se sob a camada 5, muito batida e sobre a camada 6, idêntica à 5, que cobria, por sua vez, o piso 4, de técnica igual ao do piso 3. Ou seja, o piso 4, 3 e 2 são uma sucessão de pisos de uma mesma divisão, 2 deles em terra batida e o último em versão tijoleira. Tal foi atestado pelo facto de a anomalia do negativo da camada 3 ter resultado numa estrutura adossada a uma coluna pétreia (estrutura 1), já inexistente, que assentava no piso 3, que, por sua vez, cobria a base da mesma em alvenaria calcária (estrutura 2), assentando no piso 4. Essa coluna estava colocada, aproximadamente, a meio do salão supra-mencionado (piso 2).



Figura 13. Corte poente – Meia-coluna de argamassa rebocada. Fonte: Autores



Figura 14. Corte nascente - Meia-coluna de argamassa rebocada. Fonte: Autores



Figura 15. Sondagem – Camada 5. Fonte: Autores



Figura 16. Sondagem – Piso 3 e 4. Fonte: Autores



Figura 17. Sondagem – Piso 3 e 4. Fonte: Autores

Após o piso 4 encontrou-se a camada 7, em tudo idêntica às camadas 5 e 6, e, de seguida, um nível de terra castanha esverdeada, misturada com pedras, telhas, argamassas, pouco compacta (camada 8). Aparentava ser um aterro resultante, igualmente, da destruição de uma edificação. Seguiu-se-lhe outro aterro, com cerca de 1.5 metros de espessura, de terra castanha muito escura e argilosa, misturada com

areias, com um grau de compactação débil, misturada com pedras de diversos calibres, telhas e tijolos fragmentados, bem como alguns materiais. No canto NO da sondagem, observou-se uma concentração de pedras de grandes dimensões aglomeradas, que poderiam corresponder a um alicerce da edificação que originou a camada 8. Contudo, pela reduzida dimensão da sondagem e por não haver um ligante evidente destas pedras, não se reuniram condições para confirmar a hipótese. Sob esse espesso aterro, repousava, por fim, a camada 10, de areia, correspondente á aluvião geológico.



Figura 18. Sondagem – Base de coluna.
Fonte: Autores.



Figura 19. Sondagem – Cama.
Fonte: Autores.



Figura 20. Sondagem – Camada 9
Fonte: Autores.



Figura 21. Sondagem - Camada 10
Fonte: Autores.

4. Materiais

Dentro do conjunto dos materiais exumados, seleccionaram-se alguns particularmente significativos e representativos. Conforme era expectável a maioria foi

recolhida na camada 2, área mais intervencionada e com uma representatividade estratigráfica superior.

Desse nível destacou-se um conjunto de azulejos muito diversificados. Por um lado, surgiram azulejos destinados a ser implantados em pisos, monocromados a branco.

Parietais, a mais comum utilização dos azulejos, corresponde a esmagadora maioria dos exemplares, sendo de destacar um de remate monocromado a verde. Dentro da evolução cronoestilística há forte presença de azulejos hispano-árabes sevilhanos, do Século XVI, bem como azulejos figurativos com predomínio da pintura a azul e amarelo sobre branco. As representações são de animais, plantas ou motivos geométricos. Há, igualmente, para além dos tons referidos, a utilização dos verdes, vinosos e laranjas sobre branco, nalguns casos em desenhos de singelo recorte, com contornos a vinoso.

Tratar-se-ão, possivelmente, de produções portuguesas de inícios do Século XVII. Vários signos encontram-se pintados nas chacotas dos mesmos, mas fragmentados, não permitiram uma clara leitura.



Figura 22 - Camada 2 – Azulejo.
Produção portuguesa – Século XVII.
Fonte: Autores



Figura 23 - Camada 2 – Azulejo.
Produção portuguesa – Século XVII.
Fonte: Autores



Figura 24 - Camada 2 – Azulejo.
Produção portuguesa – Século XVII
Fonte: Autores



Figura 25 - Camada 2 – Chacota de Azulejo.
Produção portuguesa – Século XVII
Fonte: Autores



Figura 26 - Camada 2 – Azulejo monocromado de remate.
Produção portuguesa – Século XVII.
Fonte: Autores



Figura 27 - Camada 2 – Azulejo monocromado de piso.
Produção portuguesa – Século XVII
Fonte: Autores



Figura 28 - Camada 2 – Azulejo Hispano-árabe.
Produção sevilhana – Século XVI.
Fonte: Autores

No que respeita aos artefactos dessa mesma camada 2, destaque para, em primeiro lugar, um prato alto, em faiança portuguesa de produção olisiponense. A pasta é beije, muito depurada e compacta, com elementos não plásticos muito finos, de textura branda, algo granulosa. Trata-se de uma peça que apresenta esmalte branco, com pintura a azul de cobalto e vinoso, sendo que na face externa apresenta uma banda horizontal a azul no bordo e outra quase a meio do corpo, no meio das quais outras duas linhas a vinoso delimitam uma decoração de rendas superiores e inferiores alternadas e repetitivas. Na face interna, apresenta, na aba, uma linha horizontal a vinoso. O fundo, igualmente a vinoso, apresenta uma inscrição de difícil interpretação que, à primeira vista, pode confundir-se erradamente com um arabesco. Sem uma interpretação cabal para a mesma, parece tratar-se de quatro letras “T”, com prolongamentos longitudinais, seguidas por um traço que as corta e se prolonga na pena do artífice, criando umas curvas.

Assim sendo, provavelmente é um indicativo de contabilidade de produção, pois quatro “T” poderá ser interpretado como o número 4, sendo que o traço que os corta nos indicaria o 5, tal como se pode observar na documentação escrita. Não é de espantar que seja um indicativo de quantidade, pois estes pratos altos com decorações tão simples e repetitivas eram produzidos em massa, pelas olarias ocidentais de Lisboa, as de barro branco. Não é impossível que corresponda, conseqüentemente, à última peça de uma fornada de quinhentas faianças destinadas à venda livre ao público. No que respeita à datação, a tradicional cronologia estilística para uma peça com estas características aponta para uma produção da segunda metade do Século XVII.



Figura 29. Camada 2 – Faiança Seiscentista (2.^a metade). Fonte: Autores

Seguem-se dois fragmentos de pratos altos em faiança esmaltada a branco, não pintados, de forma idêntica. Ao bordo extrovertido, que varia entre perfil subtriangular ao subcircular, segue-se um corpo troncocónico e um fundo raso assente num pé baixo em anel. No que respeita à cronologia desses dois fragmentos, muito comuns em intervenções arqueológicas realizadas no centro histórico de Setúbal, bem como nas cidades do Sul de Portugal, são datáveis do Século XVII a meados do Século XVIII (níveis do terramoto de 1755). Ainda no âmbito das faianças olisiponenses exumou-se um prato de bordo extrovertido, de perfil subtriangular, aba larga e caldeira curta, com fundo raso assente num pé de anel baixo. Apresenta-se esmaltado a branco em toda a superfície e pintado na face interna, com duas bandas circulares a azul, na parte superior da aba. O fundo apresenta uma moldura feita por outras duas bandas circulares a azul, com um motivo vegetalista central, também a azul de cobalto. É notória a fraca qualidade da produção, condicente com as três anteriormente referidas, até pelo azul pálido da tinta.

No que respeita às produções vidradas destaca-se, pelo seu bom estado, um pequeno pote com bordo em aba pendente, colo estrangulado, corpo globular e pé destacado, raso. O vidrado melado cobre ambas as faces. As paredes internas

apresentam-se estriadas, naquele que é, certamente, um belo exemplar do que facilmente classificaríamos como um pote destinado a guardar mel ou banha. Trata-se de uma produção possivelmente setubalense, produzida nos Séculos XVII e XVIII. As pastas dessas produções são vermelho-alaranjadas, micáceas, calcíticas, quartzíticas e feldspáticas, de textura folheada e de grão médio. Dentro desta família de produções temos ainda um fragmento de bordo de uma pequena panela, vidrada internamente a melado. Outro fragmento, de uma taça de bordo extrovertido, espessado, em aba pendente, corpo de perfil troncocónico (ou seja, uma forma decalcada da dos alguidares), apresenta vidrado melado na face interna e na externa pela linha da aba.

As produções vidradas de Lisboa também se encontram representadas num portentoso alguidar para fazer a massa do pão, com 700 mm de diâmetro, vidrado a verde na face interna e na externa pela linha da aba. A forma é igual à da peça anterior, sendo que importa ressaltar uma pequena sela na parte interna do bordo, provavelmente resultante da colagem do mesmo ao corpo. A aba apresenta um perfil circular. A pasta é beije, muito depurada e compacta, com elementos não plásticos muito finos, de textura branda, algo granulosa.

No que respeita à cerâmica comum, os exemplares aqui apresentados corresponderão a produções dos oleiros sadinos, com a característica aguada vermelha nas superfícies. As pastas dessas produções são vermelho-alaranjadas, micáceas, calcíticas, quartzíticas e feldspáticas, de textura folheada e de grão médio. Assim, um fragmento de bordo de um alguidar mostra forma idêntica, excepto que o perfil da aba é triangular e apresenta 500 mm de diâmetro. Segue-se-lhe um fragmento de panela, com forma bem conhecida, de bordo introvertido, em aba pendente horizontal, colo em campânula e corpo globular. O mesmo pode ser dito acerca do bordo de prato,

extrovertido, de aba pendente, perfil subrectangular e paredes oblíquas. Os tachos também apresentam formas bem conhecidas, com bordo introvertido, em aba pendente, sendo que no caso do segundo se pode observar muitíssimo bem a dobragem do barro, com um corpo oblíquo. Por último, um pequeno fragmento de panela que merece, igualmente, destaque por, nos ombros, apresentar uma decoração incisa, seguida por uma outra, penteada, formando ondas incisas. Trata-se de uma peça de pequenas dimensões, mas sendo muito raras as decorações em cerâmicas comuns de produção local, essas devem ser registadas.

Figura 30.



Figura 31.



Figura 32.



Figura 30. Camada 4 – Cerâmica comum de produção local – Séculos XV – XVI.

Fonte: Autores

Figura 31. Camada 8 – Cerâmica comum de produção local – Século XVI.

Fonte: Autores

Figura 32. Camada 9 – Cerâmica comum de barros vermelhos

Produção Local – Inícios do século XVI. Fonte: Autores

Sobre o primeiro conjunto retiram-se duas conclusões. A primeira é que os materiais azulejares apresentam uma longa diacronia, que vai da primeira metade do Século XVI à primeira metade do Século XVII. Em segundo, que os materiais cerâmicos apresentam uma grande coerência enquanto conjunto cronológico situado entre a segunda metade do Século XVII a 1714 (data da nova edificação).

Da camada 4 importa destacar um fragmento de taça carenada, esmaltada a branco, que corresponderá a uma produção sevilhana, da primeira metade do Século XVI. A pasta é beije-amarelada, muito homogénea, dura e granulosa, com pequenas inclusões. Seguem-se quatro fragmentos de cerâmica local, um de um pote, outro de um tacho, com pega triangular adossada ao bordo. O bordo é ligeiramente introvertido, espessado, de perfil perolado, seguindo-se-lhe um corpo semiesférico. Segue-se uma lamparina, muito fragmentada, de fundo ligeiramente côncavo, paredes de perfil troncocónico e bico simples, obtido através da pressão do oleiro sobre as paredes da lamparina antes da cozedura.

Esse conjunto apresenta, de igual modo, grande coerência, uma vez que, tipologicamente, a peça exógena e as de cerâmica comum apresentam características comuns a contextos da primeira metade do Século XVI.

Da camada 6 provém um testo simples de panela, com lingueta central, em cerâmica comum. É curioso notar que até podia ser utilizado noutra peça anteriormente referida na camada 2, o que é demonstrativo da manutenção das formas e modelos nas produções sadinas através dos séculos. Segue-se, também de cerâmica comum, um tacho com o bordo ligeiramente introvertido, espessado, de perfil circular, com estrangulamento do colo e corpo semiesférico. Por último, um fragmento de alguidar destinado à fabricação do pão, vidrado a verde na face interna e na externa pela linha da aba. Apresenta bordo extrovertido, espessado, em aba pendente, de perfil subtriangular e corpo de perfil troncocónico, sendo que se ressalta uma pequena sela, na parte interna do bordo, provavelmente resultante da colagem do mesmo ao corpo. Com 620 mm de diâmetro, a pasta, no núcleo, é beije-amarelada, muito homogénea, dura e granulosa, com pequenas inclusões. Nas franjas a pasta apresenta um tom rosado, significativo de

ter estado tempo insuficiente no forno para uma correcta cozedura. Trata-se, em princípio, de uma produção sevilhana.

Nesse conjunto teremos de recorrer ao tacho para obter uma cronologia, que aponta para a primeira metade do Século XVI, tal como o conjunto da camada 4.

Da camada 8 exumou-se um fragmento de alguidar, destinado à fabricação do pão, vidrado a verde na face interna e na externa pela linha da aba. Apresenta bordo extrovertido, espessado, em aba pendente, de perfil subcircular e corpo de perfil troncocónico, sendo que se ressalta uma pequena sela, na parte interna do bordo, provavelmente resultante da colagem do mesmo ao corpo. Com 660 mm de diâmetro, a pasta, no núcleo, é cinzenta, muito homogénea, dura e granulosa, com pequenas inclusões e intrusões ferrosas. Nas franjas a pasta apresenta um tom beije-amarelado, significativo de ter estado tempo excessivo no forno para uma correcta cozedura. Trata-se, em princípio, de uma produção sevilhana. Segue-se um fragmento de um outro alguidar vidrado a melado em ambas as faces. Apresenta bordo extrovertido, espessado, em aba pendente, de perfil subcircular e corpo de perfil troncocónico, ressaltando uma pequena sela, na parte interna do bordo, provavelmente resultante da colagem do mesmo ao corpo. Com 250 mm de diâmetro, a pasta é idêntica às anteriores, mas rosada.

Segue-se, de cerâmica comum, um tacho com asas de fita e uma taça, de tipo 3 da tipologia de cerâmica quinhentista da escavação do pátio da mesma casa. Um fundo de um prato anelado completa o conjunto. Acresce, todavia, uma asa de fita bilobada, com largo chanfro central. Os espessamentos das extremidades apresentam-se irregulares, numa decoração muito erodida. No chanfro central, foi adoçada uma faixa longitudinal decorada com perfurações repetidas, num complemento decorativo.

Da camada 9 advém um fundo de uma taça, ou malga, esmaltada a branco, de pasta rosada, com incrustações de areias no pé baixo em anel, correspondendo a uma produção provavelmente valenciana, da primeira metade do Século XVI. A ela estão associadas um fragmento de asa bilobada, de com largo chanfro central, um fragmento de corpo de púcaro e um fundo de jarro, de cerâmica comum de produção local.

Da baixa Idade Média parece corresponder o fragmento de fundo de um pequenino contentor de líquidos, vidrado a verde, sobre pastas alaranjadas. Produzido na Alta Idade é certamente o fragmento de corpo de jarro, criado a torno lento, e cozido em ambiente redutor, de pasta granulosa, com diversas inclusões de grande dimensão. Em suma, uma pasta grosseira. Três fragmentos ainda remetem para cronologia mais antiga, integráveis no período de domínio romano, como um arranque de asa de ânfora, um fundo de cerâmica comum e um bordo, igualmente de cerâmica comum, de um pote esmaltado, todas elas produzidas com pastas locais. Assim, a espessa camada 9 apresenta materiais que vão dos inícios da era cristã ao Século XVI.



Figura 34 - Camada 9 –
Cerâmica romana
Produção Local –
Séculos I – II.
Fonte: Autores



Figura 33 - Camada 9 –
Cerâmica medieval
Vidrado do século XIV,
Jarro dos séculos VI – VIII.
Fonte: Autores

5. Análise e Conclusões

Tratando-se de uma intervenção arqueológica de pequena dimensão, os resultados que oferece não poderiam ser abundantes. Mesmo assim, cremos que ficaram registados alguns pormenores sobre os quais valerá a pena determo-nos. Na realidade, os dados desta intervenção só nos servem quando comparados com a intervenção de 2000 (Neto et. al., 200, pp. 25-45).

Sob o palácio setecentista da família dos Cabedos reside uma longa ocupação humana que remonta ao Alto-Império. A zona vai sofrendo reocupações contínuas, sendo que, com o terramoto de 1531, se dá a destruição dos edifícios ali existentes, referidos nas Visitações da Ordem de Santiago de 1510. É na sequência do terramoto que se vai proceder à limpeza e aterro daquela área, para permitir a construção de um grande edifício quinhentista, um palácio urbano certamente, com frente para a Rua Direita, sobranceiro à socialmente significativa igreja matriz de Santa Maria. No que concerne a uma hipotética frente para Terreiro do Trigo, não possuímos ainda elementos suficientes para fazer uma apreciação.

Esse espaço sofre algumas remodelações ao longo dos tempos, conforme já havia sido testemunhado no pátio em 2000, e agora confirmado, em 2008, com os três pisos para uma mesma divisão (pisos 2, 3 e 4). Essa sucessão é feita em pouco tempo, visto que o piso de tijoleira é do Século XVII, provavelmente dos seus inícios, se atendermos aos azulejos pintados encontrados na camada 2. Ou seja, a divisão sofreu três remodelações em cerca de 70 anos, o que atesta a pouca durabilidade dos pisos em terra batida.

Sobre essa divisão convém dizer que é similar à sua congénere descoberta em 2000, com paredes de argamassa rebocadas e piso de tijoleira disposto em espinha. Trata-se, como é evidente, de uma mesma estrutura, todavia, esta surpreende-nos pela dimensão monumental, de um grande salão, possivelmente quadrangular. Apesar de grandiosidade do espaço, as técnicas construtivas foram rudimentares, uma vez que a cobertura não aparenta ter sido em cúpula, mas mais provavelmente em madeira, caso contrário teríamos testemunhos da cúpula na camada 2. Assim, uma grande viga de madeira teria de assentar nas meias-colunas de argamassa rebocada colocadas junto das paredes, passando forçosamente pela coluna pétreia da qual só temos a base, que está relativamente bem centrada na divisão.

Na primeira década do Século XVIII o edifício é destruído e, sobre ele, vai-se erigir o magnífico palácio dos Cabedos, arruinada jóia da arquitectura civil sadina.

6. A Musealização do Arqueossítio

Terminada a intervenção, importa, ainda, explicar que o sítio arqueológico foi alvo de um processo de musealização, no âmbito da aludida instalação do Gabinete Municipal dos Centros Históricos, potenciando o valor patrimonial, histórico e arqueológico da função pública da nova instituição, pela integração das suas pré-existências

Para todos os envolvidos no processo de reabilitação e reconversão do espaço, é óbvio que o complexo arquitectónico é de grande valor patrimonial e sensibilidade.

Assim, procedeu-se à preservação dos sucessivos edifícios, de modo a salvaguardar essa memória. Desenvolveu-se, em paralelo, um projeto museográfico,

onde foi incluído vários espólios aí exumados, nas duas intervenções, bem como se decidiu a criação de um pequeno filme educativo que, de modo rápido e simples, explica a evolução da ocupação daquela área. Tratou-se de um projecto pluridisciplinar, que procurou cumprir com os objectivos manifestados, de forma satisfatória, para além de se constituir na primeira vez em que tal foi executado em Setúbal.

Referências

- Coutinho, M. J. P. (2016). Os palácios dos barões e viscondes de Zambujal em Setúbal e Lisboa. In *Cadernos do Arquivo Municipal*. Série 2, n.º 5. Lisboa: Ed. Câmara Municipal de Lisboa, 173-208.
- Lopes, L. M. A. & Neto, J. L. (2007). Fauna da intervenção arqueológica da Casa do Corpo Santo. In *Subsídios para o estudo da História Local*. n.º 3. Setúbal: Edição da Câmara Municipal de Setúbal, 277-282.
- Neto, J. L. N. (2001). A Casa do Corpo Santo – de sede de confraria a núcleo museológico. In *Subsídios para o estudo da História Local*. n.º 1. Setúbal: Edição da Câmara Municipal de Setúbal, 17-24.
- Neto, J. L. N. et. al. (2001). Pátio da Casa do Corpo Santo – da intervenção arqueológica à museológica. In *Subsídios para o estudo da História Local*. n.º 1. Setúbal: Edição da Câmara Municipal de Setúbal, 25-45.
- Neto, J. L. N. (2007). Cerâmicas Quinhentistas da Casa do Corpo Santo. In *Subsídios para o estudo da História Local*. n.º 3. Setúbal: Ed. Câmara Municipal de Setúbal, 263-276.

